O desenvolvimento econômico do Japão como resposta ao 'Grande Jogo' do século XIX

"Enriqueça o país, fortaleça as forças armadas" (em japonês: *fukoku kyōhei*).

Resumo: O desenvolvimento econômico do Japão após a Restauração Meiji (1868) é geralmente explicado pela literatura heterodoxa como o resultado da execução de políticas desenvolvimentistas. Assim, o nacionalismo metodológico costuma dominar as análises destas experiências. Embora as explicações exclusivamente nacionais possam oferecer elementos válidos para se entender as diferentes evoluções, estas não contemplam a fundamental importância da competição interestatal no processo de desenvolvimento. Neste sentido, a decadência da China e do resto da Ásia no mesmo período raramente é analisada conjuntamente com o sucesso japonês. A Restauração Meiji e o fracasso chinês devem ser considerados como diferentes respostas aos avanços e humilhações impostas pelas potências ocidentais. Entre estas se destacam as guerras do ópio na China e os tratados desiguais de comércio, impostos a vários países asiáticos, como ao Japão, após a chegada do comandante Perry nas costas nipônicas. Confrontada com a expansão ocidental na Ásia Oriental, a modernização impulsionada pela Restauração Meiji refletia a necessidade de preservar a segurança nacional, e era um pré-requisito para o país participar na competição imperialista pelo controle da Ásia. Nesse sentido, a aliança anglo-japonesa, assinada em 1902, visava proteger e expandir os benefícios econômicos mútuos e desempenhou um papel fundamental para o desenvolvimento japonês no início do século XX. Na China, ao contrário, a somatória de conflitos internos e agressões externas impediu uma evolução equivalente.

Abstract: According to most of the heterodox literature, the economic development of Japan after the Meiji Restoration (1868) is usually explained by the implementation of policies to promote its development. In other words, the methodological nationalism often domains this literature. Although the exclusively national explanations may offer some valid elements to help understand the different evolutions, these do not involve the fundamental importance of the competition among states in the process of development. In these way, the Chinese decadence as well as that of the major part of Asia in the nineteenth century is rarely considered together with the Japanese success. The Meiji Restoration and the Chinese failure have to be considered as different responses to the humiliations and advances of the occidental powers. Among these are the Opium Wars in China and the arrival of Commodore Perry on the Japanese coast. Confronted by the occidental expansion in east Asia, the modernization implemented by the Restoration reflected not only the necessity to preserve the national security, but also a pre-requisite for the country to participle in the imperialist competition for the control of Asia. In this sense, the Alliance between Great Britain and Japan (1902) was designed to protect and expand their mutual economic benefits and played a fundamental role in the Japanese process of development in the twentieth century. In China, on the contrary, both the internal conflicts as well as external aggressions impeded an equivalent evolution.

I. Introdução

No final do século XIX tanto no Japão quanto na China imperava entre as elites dominantes a idéia de que se devia enriquecer o país para fortalecer a defesa da nação. O desenvolvimento das riquezas materiais era visto como uma condição imprescindível para garantir a unidade nacional e preservar a existência de ambos os Impérios milenários frente a crescente agressão ocidental.

Contudo, se ambos os países reconheceram esta verdade, porque os resultados no Japão e na China foram tão diferentes? Por que um país que sempre integrou a periferia da China, como o Japão, foi bem sucedido no seu processo de desenvolvimento, e a própria China, o 'Império do Centro', a civilização que por séculos foi a mais rica em termos materiais e culturais acabou finalmente no caos, em uma desagregação nacional e em um contínuo estado de guerra civil que perdurou por mais de um século? Ou, em outros termos, porque o centro da 'economia mundo' asiática precisou de mais de um século para iniciar aquilo que o Japão conseguiu em poucos anos?

Estas perguntas nas últimas décadas vêm sendo levantadas por historiadores, economistas especializados em desenvolvimento e especialistas em relações internacionais. A resposta talvez não possa ser desenvolvida nas dimensões de um *paper*. Entretanto, para nos aproximarmos de uma explicação satisfatória é necessário estudar a história da Ásia a partir de uma perspectiva internacional e sistêmica e não exclusivamente nacional. Para se entender a diferente evolução destes Impérios, deve ser estudada a forma como as agressões e desafios ocidentais impactaram e/ou foram aproveitados em ambas as sociedades. Além disso, é imprescindível entender o papel que desempenhou no Japão, ao contrário da China, a concentração do poder nas mãos de um Estado nacional unificado e expansivo fruto de uma revolução.

Neste contexto, na seção II, avaliamos as respostas do Japão e da China aos desafios tanto internos quanto externos frente às mudanças geopolíticas asiáticas do século XIX. Na seção III, realizamos uma breve apresentação da macroeconomia Meiji. Na seção IV, oferecemos uma resumida apresentação das finanças asiáticas da era Meiji e das condições que permitiram a entrada do Japão no padrão ouro-libra esterlina. Na seção V, discutimos o contexto geopolítico da Aliança Anglo-Japonesa e seu impacto na economia e no projeto expansivo japonês.

II. As respostas da China e do Japão frente ao avanço imperialista na Ásia

A conhecida expressão "uma nação rica e um exército forte" representava a idéia que foi incorporada pela China e o Japão de buscar desenvolver as suas riquezas materiais para assim contar com recursos e tecnologias capazes de proteger seus territórios e interesses diante do avanço imperialista ocidental. Esta idéia foi incorporada tanto no Japão quanto na China por movimentos que promoveram a modernização.

Contudo, se ambos os países adotaram esta idéia, porque os resultados do Japão e da China foram tão diferentes? Por que um país que historicamente pertenceu à periferia do império chinês, como o Japão, teve sucesso, e a China, que era o centro da 'economia mundo' asiática (Arrighi et al., 2003) precisou de mais de cem anos para iniciar aquilo que o Japão conseguiu em poucas décadas?

Em primeiro lugar, um elemento que contribuiu para o sucesso japonês em relação ao chinês era o fato de que as elites japonesas puderam observar e, sobretudo, aprender com as sucessivas derrotas chinesas frente às potências européias. Tanto a China quanto o Japão eram duas sociedades e economias fechadas com relação ao estrangeiro. Contudo, foi a China a primeira que foi obrigada a se abrir aos europeus. A Primeira Guerra do Ópio (1839-42) aconteceu antes que o Japão fosse ameaçado e na prática obrigado a assinar os tratados desiguais na década de 1850. Por sua vez, os fracassos das tentativas chinesas de resistência aos europeus representavam um futuro que as elites do Japão não queriam experimentar. Entre estas experiências estão a Segunda Guerra do Ópio da China com a Grã Bretanha e a França (1856-60) e a guerra com a França pelo controle do Vietnã (1885)[1].

Isto não significa que no Japão não tenham existido tentativas de resistência militar às potências ocidentais. No início do avanço ocidental, em oposição ao poder central do Shogunato, vários *daimyos*[2], como os das províncias de Satsuma e Choshu, promoveram a política de expulsão de estrangeiros pela força. Eles seguiram a doutrina chamada de *Sonnō jōi*, i.e., "reverenciar ao imperador e expulsar aos bárbaros". Satsuma, por exemplo, protagonizou uma infrutífera guerra com os britânicos em 1863,

[1] O Vietnã, a Coréia, a Birmânia (ou Myanmar), o Laos, assim como vários outros países do sudeste e centro da Ásia, integravam o chamado "sistema tributário chinês".
[2] Os *daimyos* tinham características similares aos senhores feudais europeus, i.e., tinham um poder militar localizado e controlavam a população que trabalhava nas terras das suas zonas de influência.

a qual gerou como resultado o bombardeio do porto de Kagoshima e a destruição do forte de Shimonoseki promovida por ingleses, franceses, holandeses e norte-americanos. Estes episódios obrigaram aos *daimyos* a reconsiderar a política de enfrentamento militar com as potências européias e contribuíram a que gradualmente no Japão se formasse uma aliança para destituir o shogunato Tokugawa em 1866.

Nesse ano, o shogunato já não estava conseguindo conter a contestação dos *daimyos* Satsuma e Choshu. Em 1868, iniciou-se um período de guerra civil conhecido como "Guerra Boshin", no qual as tropas shogunais foram derrotadas pelas forças de Choshu e Satsuma. Assim, o último shogun Tokugawa, Yoshinobu, tomou a decisão de restaurar o poder do Imperador da dinastia Meiji, manobra para se manter no poder. Logo após esta medida, se sucederam uma série de enfrentamentos que obrigaram ao shugun a renunciar e abrir as portas da cidade de Edo sem resistência em abril de 1868. Começava a Era Meiji[3].

Decorrente disto, um segundo elemento que contribui para explicar o sucesso japonês em contraposição ao chinês, é o fato de que no Japão o movimento que promovera as reformas surgiu de uma revolução que derrocou o poder estabelecido. O nível de centralização do poder político e militar no Japão após a Restauração Meiji[4] foi muito superior que na China, o que acelerou o processo de reformas e eliminou mais rapidamente os obstáculos conservadores e opostos às mudanças, fato que explica a maior profundidade da modernização japonesa. Na China, ao contrário, os setores do próprio poder estabelecido foram os que impulsionaram as reformas.

---

[3] O objetivo retórico da Restauração Meiji era restaurar o poder do Imperador. Na verdade o poder político passou do Shogun para um pequeno grupo *daimyos* e samurais das províncias de Satsuma e Choshu, mais alguns lideres ligados à corte imperial. Por sua vez, a Restauração Meiji não contou com um líder emblemático como o Bismark na Alemanha ou Napoleão na França. As principais figuras políticas do período foram as seguintes: Okubo Toshimichi (1830-1878) [Satsuma]; Kido Takayoshi (1833-1877) [Chochu]; Saigo Takamori (1827-1877) [Satsuma]; Iwakura Tomomi (1825-1883) [corte imperial]; Ito Hirobumi (1841-1909) [Chochu]; Kuroda Kiyotaka (1840-1900) [Satsuma]; Matsukata Masayoshi (1835-1924) [Satsuma]; Oyama Iwao (1842-1916) [Satsuma]; Saigo Tsugumichi (1843-1902) [Satsuma]; Yamagata Aritomo (1838-1922) [Choshu]; Inoue Kaoru (1836-1915) [Chochu]; Saionji Kinmochi (1849-1940) [corte imperial].

[4] Em 3 de fevereiro de 1867, Mutsuhito, então com quinze anos de idade, sucedeu seu pai, o Imperador Komei, e a nova era, a de Meiji (regime iluminado) foi proclamada. A Restauração Meiji (1868) terminou com o sistema shogunal de duzentos e sessenta e cinco anos dos Tokugawa. O último shogun, Tokugawa Yoshinobu, renunciou em abril de 1868 e o império foi restaurado. Os exércitos dos feudos de Satsuma, Choshu e Tosa, que passaram a compor as forças imperiais, dominaram os seguidores dos Tokugawa e, pouco depois, asseguraram a restauração Meiji.

As tentativas de reforma chinesas promovidas a partir do poder imperial surgiram do movimento chamado de 'autofortalecimento' que tentou incorporar avanços científicos e técnicas militares ocidentais. Foram enviados estudantes ao exterior para aprender as técnicas ocidentais, promoveu-se a construção de ferrovias e sistemas de comunicação, telégrafos, etc. Contudo, estas mudanças não tentavam promover uma transformação global e profunda da sociedade, mas eram tentativas de manter o *status quo*. Entre os objetivos do movimento de autofortalecimento na China estava o restabelecimento do poder tradicional do Império, enquanto que no Japão a Restauração Meiji almejou a criação de um Estado Moderno com vistas a alcançar um rápido *catch up* com as potências ocidentais.

Um terceiro fator que ajuda a explicar as diferenças está no fato de que a China era um império governado por uma minoria étnica, os manchus, que só representava 2% da população, o que enfraquecia a unidade do Império. A elite governante preferia evitar um exército unificado, o que dificultaria rebeliões de outros grupos étnicos. As forças armadas estavam divididas por regiões, o que reduzia as possibilidades de qualquer eventual ação centralizada. O Japão, de modo contrário, era muito mais homogêneo que a China e logo após a restauração Meiji em poucos anos conseguiu consolidar um poder militar unificado.

Um quarto elemento de fundamental importância, quando se analisa a reação da China diante das agressões externas, é o fato de que a dinastia Qing também enfrentava uma série de rebeliões internas que se estenderam por todo o século XIX. Algumas destas rebeliões como Miao (1795-1806) e a rebelião do Lótus Branco (1796-1804), na qual se estima terem morrido cerca de 15 milhões de chineses, aconteceram antes da aparição da ameaça européia. Isto é, o Império já estava notavelmente enfraquecido antes das sucessivas derrotas com as potências ocidentais. Por sua vez, várias destas revoltas ocorreram simultaneamente às agressões externas, como foi o caso da rebelião Taiping (1850-64) que coincidiu com a Segunda Guerra do Ópio. Nesta revolta, o poder central enfrentou focos de resistência em 16 províncias do Império e mais de 600 cidades. O número de mortos é estimado em cerca de 30 milhões (Fairbank e Goldman, 2007). Outras rebeliões que coincidiram com a agressão externa foram: a de Nien (1851-1868) que envolveu 8 províncias e a Muçulmana (1855-1873) ocorrida na província de Yunnan; a de Tungan (1862-1873) no nordeste do país e outra insurgência muçulmana

ocorrida em Sinkiang entre 1864 e 1877. Por sua vez, as "sociedades secretas" do sul do país lançaram revoltas contínuas de menor relevância durante toda a dinastia Qing.

Isto não significa que a Restauração Meiji não tenha sofrido resistência interna. Ao contrário, quando as reformas começaram a ser implantadas, vários dos samurais que promoveram a restauração do imperador Meiji em 1868 se rebelaram contra o poder central[5]. De fato, a restauração Meiji foi uma revolução liderada por samurais que estava obrigada a acabar com o poder dos samurais. Essa era a principal contradição a resolver. Um dos principais assuntos que enfrentou o poder Meiji foi a posse e taxação da terra até então nas mãos dos *daimyos* respaldados pelo poder militar dos samurais. Aumentar a taxação era essencial para consolidar o poder central e fortalecer um exercito nacional com capacidade de enfrentar às potencias ocidentais.

Em 1868, o poder Meiji confiscou todas as terras dos Tokugawa as quais ficaram sob o controle imperial. Outro acontecimento central foi a cessão voluntaria para o poder central do domínio sobre as terras por parte dos *daimyos* de Satsuma, Chochu, Tosa e Hizen em 1869. Em 1871 todos os *daimyos* foram obrigados a fazer o mesmo. Uns 300 domínios se converteram em prefeituras dirigidas por autoridades escolhidas pelo governo central. Em troca disto, a partir de 1874 o governo imperial emitiu títulos públicos que foram concedidos aos samurais e *daimyos*. Isto já significava um grande avanço para a centralização e uma enorme perda para os *daimyos* e samurais já que os juros que pagava o governo apenas alcançavam um terço das rendas das terras concedidas. Contudo, devido aos problemas fiscais que afetavam o governo central, os estipêndios que deviam ser hereditários foram abolidos. Além disso, em 1873 o governo central instituiu o serviço militar obrigatório no qual se estabelecera pela primeira vez um "imposto em sangue" aos camponeses, i.e., os camponeses também começaram a entrar no exercito nacional ao menos formalmente em um pé de igualdade com os samurais.

Paralelamente à reforma militar, o governo Meiji estabeleceu um sistema de educação básica obrigatória de quatro anos para meninos de ambos os sexos a partir de 1872. Estas reformas refletiam a crença dos lideres Meiji segundo a qual a educação em massa

[5] Uma diferença importante entre o Japão e a China é que no primeiro não se verificaram revoltas camponesas de grande importância como aconteceu na China. A resistência se concentrou quase exclusivamente na classe dos Samurais que já tinha sido parcialmente enfraquecida no período Tokugawa (Barrington Moore, 2002 [1973]).

e o serviço militar obrigatório eram elementos fundamentais do poder econômico e militar do ocidente. Por sua vez, também a partir de 1872, foi estabelecido um sistema de Ensino Médio e foram criadas Universidades Nacionais. Ao final do século XIX, 90% das crianças estavam matriculadas no ensino fundamental. Em 1905, 98% dos meninos e 93% das meninas[6] (Gordon, 2003). Outra medida importante foi o envio de missões governamentais aos países mais desenvolvidos do ocidente para conhecer as instituições mais adequadas á modernização (Nish, 1998). Também foram enviadas centenas de estudantes a universidades estrangeiras que deviam adquirir os conhecimentos técnicos necessários para desenvolver modernas tecnologias ocidentais no Japão (Ushida, 1995).

A restauração criou uma armada imperial composta por um exército profissional integrado por todas as classes sociais. Todas as manifestações que até então tinham representado o poder e a identidade samurais, como as espadas, os cabelos compridos e suas tradicionais vestimentas foram proibidos por representarem um anacronismo que a modernização do Japão devia superar[7]. Levando em consideração que os samurais detiveram o monopólio da força por quase 800 anos, que seu número representava aproximadamente 6% da população (dois milhões) e que os principais líderes da Restauração Meiji eram samurais, deve-se concluir que estas transformações foram de fundamental importância e geraram muita resistência.

Logo após estas radicais medidas promovidas a partir de 1873, uma série de revoltas contra o poder imperial lideradas por samurais de diferentes regiões se sucederam. Entre as principais podem-se citar as seguintes: a Rebelião de Saga em 1874, as de Shinpūren, Akizuki e Hagi de 1876 e a principal de todas elas, a famosa rebelião de Satsuma ("a guerra do sudoeste") de 1877 liderada por Saigō Takamori, 'O Último Samurai', que tinha sido uns dos lideres da revolta que acabou com o Shogunato e instalou no poder à dinastia Meiji. Estas rebeliões foram derrotadas com dureza pelo poder imperial. Mesmo que do ponto de vista econômico as revoltas colocaram em tensão as finanças do poder central, o qual se viu obrigado a abandonar o padrão monetário vigente[8], a

[6] O governo Meiji também estabeleceu um dialeto dominante nacional baseado nos padrões lingüísticos da classe samurai de Tóquio que acabou por se tornar a norma dominante na educação básica.
[7] Pelo Edito Dampatsurei de 1871, o governo forçou aos samurais a cortarem o *chonmage* – corte tradicional japonês em forma de "nó" na parte superior do cabelo - e a se pentear ao estilo ocidental. Pelo edito de Haitōrei de 1876 o governo proibiu o porte das tradicionais espadas samurais.
[8] Sobre as características deste sistema, ver a seção seguinte.

vitória da Restauração significou um enorme passo para a modernização japonesa, por ter permitido a centralização do poder militar. A Armada Imperial teve sua prova de fogo nestas batalhas, já que conseguiu derrotar a classe dos samurais mediante um exército unificado e composto por soldados de distintos extratos sociais[9].

III. Breve apresentação da Macroeconomia Meiji

As reformas econômicas promovidas pela restauração Meiji caracterizaram-se pela promoção da industrialização e a modernização militar. O Japão começou a primeira mediante o desenvolvimento da indústria leve baseada na exploração de mão de obra barata. No caso dos têxteis elaborados com base no algodão, por exemplo, o Japão teve sucesso ao promover um acelerado processo de substituição de importações. Nas palavras de Akamatzu:

> "In Japan, with the rise of the cotton spinning industry since the 1880's, her domestic market was gradually recovered from imported products. Prior to this, the Ansei Treaty of 1858 had deprived Japan other tariff autonomy making it impossible for her to apply a protective tariff policy. It was probably due to the excellent technological adaptability of the Japanese, in addition to low wages that her domestic products could overcome this handicap and win out over the competition with imported goods."(Akamatzu, 1962; pgs. 13-14)

Por sua vez, o comércio internacional do Japão apresentava uma estrutura dual. Por um lado, o país exportava bens da indústria leve (guarda-chuvas, relógios, produtos de vidro, lâmpadas, tecidos, fósforos, etc.) à região asiática, principalmente à China[10], por outro, importava a maioria dos bens de capital dos países ocidentais. As matérias primas, especialmente o algodão cru, provinham em sua maior parte da Índia e dos EUA. A Índia, por seu lado, manteve um permanente superávit com o Japão por conta de suas exportações de algodão. Os EUA foram um grande mercado para os produtos de seda japonesa durante todo o período gerando elevados superávits para o Japão durante toda a era Meiji conforme ilustrado no quadro a seguir. Por sua vez, o Japão importava

[9] O destino dos samurais foi variado. Muitos encontraram empregos na nova burocracia do governo, especialmente nas forças armadas. Outros se tornaram professores, industriais, empresários agrícolas e oficiais militares. Entretanto, muitos terminaram na miséria e na indigência.

[10] Durante todo o período de análise o comercio da maior parte dos países de Ásia foi superavitário com a China, a qual manteve um persistente déficit com resto do mundo durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX (Spence, 1990). A China em parte conseguia fechar seu balanço de pagamentos com remessas enviadas pelos emigrantes chineses que trabalhavam principalmente no sudeste asiático, os quais chegariam a contabilizar aproximadamente uns 15 milhões desde 1869 até 1939 (Sugihara, 2005).

alimentos do sudeste asiático. Um elemento a destacar é o elevado e crescente comércio intra-asiático do período (Sugihara, 2003)[11].

Antes da adoção da paridade fixa com a libra, o iene sofreu uma desvalorização (acompanhado a desvalorização da prata) que promoveu as exportações da indústria leve. Contudo, a partir da entrada do Japão no padrão ouro-libra (1897), e acompanhando a natural tendência dos processos de rápida industrialização de demandar de forma crescente bens de capital, o país começou a sofrer um persistente déficit de conta corrente que se manteve até a primeira guerra mundial. Isto também era reforçado pela importação de armamento proveniente do mundo ocidental.

Balanço de Pagamentos do Japão por região 1876-1920 (em milhões de ienes)

Ano	Coréia & Taiwan	China	Índia	Ásia Total	América do Norte	Gra-Bretanha	Outros Europeus	A.L, Af, Oc.*	Total
1876-1880	n.a.	-1	-1	-2	28	-59	9	1	-22
1881-1885	0	2	-18	-9	54	-49	25	2	23
1886-1890	-4	6	-29	-29	87	-83	20	6	2
1891-1895	-4	4	-32	-54	162	-128	49	8	37
1896-1900	9	92	-129	-105	74	-256	-34	11	-310
1901-1905	44	228	-280	-134	144	-264	-3	17	-240
1906-1910	54	255	-286	-76	331	-383	-1	28	-100
1911-1915	16	481	-573	-115	388	-312	42	-5	-2
1916-1920	-302	846	-701	157	5	53	446	69	592

* Balanco de Pagamentos do Japao com a América Latina, África e Oceania. Baseado em Hunter e Sugiyama, 2002. p. 19.

Este déficit devia gerar uma contínua perda de reservas. Mas, por conta da aliança anglo-japonesa assinada em 1902, o país conseguiu financiar seu déficit. Este sistema funcionava mediante a emissão de títulos públicos japoneses no mercado londrino para financiar a defesa e os investimentos públicos. Isto é, a aliança militar e financeira do Japão com a Grã Bretanha foi um elemento chave na segunda etapa do processo de industrialização, i.e., a industrialização pesada, e no fortalecimento militar e geopolítico do país. O quadro a seguir mostra a colocação de títulos japoneses de 1870 até 1910. Como é possível observar, cinco destas colocações estiveram relacionadas com o financiamento militar, três com obras de infra-estrutura, uma com a indenização dos Samurais (1873) e cinco com a rolagem da própria dívida. Por sua vez, excetuando uma

[11] Este comércio intra-regional é uma diferencia fundamental na comparação com outras regiões da periferia, caso America Latina.

colocação de 1910 feita em Paris, a City de Londres participou de todas as colocações, às vezes acompanhada pelas cities de Nova York, Paris e/ou Berlim.

Emissão da Divida Publica Japonesa no exterior na Era Meiji

Ano	Cidade	**Taxa de Juros**	Maturidade	Valor *	Propósito
1870	Londres	9% a.a.	13 anos	4,88	Construção de Ferrovias
1873	Londres	7% a.a.	25 anos	11,71	Indenização dos samurais
1897	Londres	5% a.a.	55 anos	43,00	Guerra
1899	Londres	4% a.a.	55 anos	97,63	Siderúrgica, Telecom. e Guerra
1902	Londres	5% a.a.	55 anos	50,00	Siderúrgica, Telecom. e Guerra
1904	LN e Nova York (NY)	6% a.a.	7 anos	97,63	Guerra
1904	Londres e NY	6% a.a.	7 anos	117,16	Guerra
1905	Londres e NY	4,5% a.a.	20 anos	292,89	Guerra
1905	Londres, NY e Berlim	4,5% a.a.	20 anos	292,89	Guerra, rolagem de dívidas
1905	Londres, NY, Berlim e Paris	4,0% a.a.	25 anos	244,08	Rolagem de dívidas
1907	Londres e Paris	5,0% a.a.	40 anos	224,55	Pagamento das dívidas de 1904
1910	Paris	4,0% a.a.	60 anos	174,15	Pagamento de títulos públicos
1910	Londres	4,0% a.a.	60 anos	107,39	Pagamento de títulos públicos

* Valores em milhões Yens. Fonte Bytheway, S. J. (2005)

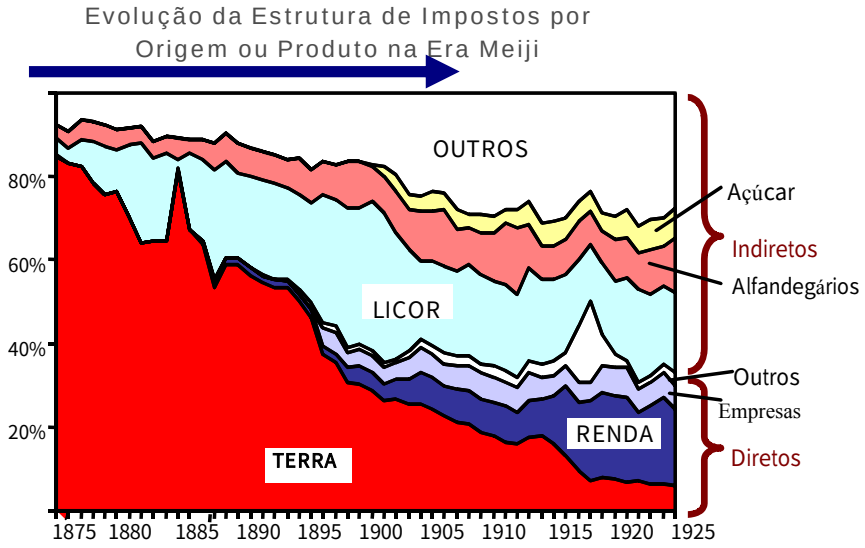
Os gastos do governo cresceram durante todo o período, mas sua participação no PIB se manteve relativamente constante durante quase toda a era Meiji. Esta tendência, por sua vez, era semelhante ao nível observado em países desenvolvidos (Maddisson, 2006; 135). Um dos principais destinos dos gastos japoneses foi a construção de ferrovias e obras de infraestrutura, mesmo com participação do capital privado, como se pode ver no quadro a seguir.

Era Meiji

Ano	**Ferrovias em Quilômetros**
1872	128 Km
1881	223 Km
1883	386 Km
1885	565 Km
1887	1029 Km
1890	2733 Km
1894	3378 Km
1895	3408 Km
1900	6202 Km
1904	7562 Km
1914	11423 Km

Fonte; Ike (1995) e Moffitt (2004)

No início da era Meiji, os impostos recaíam principalmente sobre a terra. Essa foi a importância econômica fundamental da eliminação dos domínios sob o poder dos *daimyos* e samurais no início da Restauração Imperial. Isto é particularmente importante quando se considera que, por conta dos tratados desiguais assinados com as potências ocidentais, o Japão não podia elevar suas tarifas alfandegárias. Em termos absolutos a renda proveniente destas tarifas teve uma leve tendência ascendente. Contudo, em poucas décadas, à medida que o desenvolvimento de outras atividades avançava, a participação da terra na arrecadação diminuiu de forma progressiva como mostra o quadro a seguir.



Fonte: Historical Statistics of Japan, Japan Statistical Association

Os resultados das reformas promovidas pela Restauração Meiji foram os de maior sucesso em qualquer comparação internacional. O crescimento da produtividade por trabalhador empregado no Japão desde 1870 até 1913 foi o segundo maior do mundo atrás apenas do Canadá (Maddison, 2006, p. 349-351).

Um dos elementos centrais no desenvolvimento econômico japonês foi a progressiva criação dos Zaibatsus, i.e., os conglomerados industriais e financeiros verticalmente integrados e controlados por famílias japonesas normalmente ligadas ao poder político[12] e que controlavam partes significativas da economia do país. A origem destes grupos foi

[12] Na etapa constitucional, os dois principais partidos, o Rikken Seiyūkai ("amigos do governo constitucional") e o Rikken Minseitō ("partido democrático constitucional) funcionavam na pratica como extensões dos grupos Mitsui e Mitsubishi respectivamente (Jansen, 2002).

alternativamente comercial e militar. As despesas do Estado, especialmente as ligadas com as atividades militares, foram uma fonte importante da demanda para estes grupos. Os efeitos multiplicadores e aceleradores destes gastos foram particularmente relevantes no desenvolvimento da indústria pesada (Rosovsky, 1961, pag. 22).

Por sua vez, outro elemento central dos estímulos estatais veio da difusão tecnológica proveniente dos arsenais e plantas industriais de propriedade estatal sobre firmas privadas, especialmente Zaibatusus. Em tempos de guerra, o governo transferia ordens de compra acompanhadas de assessoramento técnico para empresas privadas. Isto foi particularmente importante no desenvolvimento das indústrias naval, de maquinarias, de máquinas-ferramentas, relógios e aço (Yamamura, 1977).

> If the principal effect of the Sino-Japanese War was to increase the technological capabilities of the arsenals and a few large private shipyards, the most significant effects of the Russo-Japanese War were the rapid dissemination of modern technology to a large number of private firms and a suddenly accelerated growth in the fledgling and often struggling private machine and machine-tool makers who received increased and timely military demand and technological assistance. The rapidity of the dissemination of technology and the sudden placing of orders to many private modern firms were the results of an urgent necessity born out of the war being fought with Russia (Yamamura, 1977, p.121).

Dos principais grupos, somente o Mitsui e o Sumitomo nasceram antes da era Meiji. Os outros grupos, como Mitsubishi (1870), Yasuda (1876), Fujita (1877), Asano (1881), Seiko (1881), Kawasaki (1896), nasceram depois da Restauração Imperial. As guerras contra a China e a Rússia favoreceram o progresso destes conglomerados de múltiplas formas como a demanda de produtos, a difusão de tecnologia e o treino dos empregados das firmas pelos técnicos do exército. Mas, talvez a principal influência das guerras e do imperialismo japonês na expansão dos Zaibatsus tenham sido as conquistas territoriais na Ásia e o controle dos mercados a partir do final da era Meiji. Em particular, o investimento externo do Japão registrado até 1945 esteve concentrado quase totalmente nas áreas conquistadas por conta do expansionismo militar, especialmente na Coréia, em Taiwan, na Manchúria e no norte da China como se pode observar no quadro a seguir.

Ativos externos japoneses em 1945 por área geográfica e setores

Áreas	Distribuição por Área	Governo	Corporação	Individual	Total
Norte da Coréia	13,6%	18,5%	74,4%	7,1%	100,0%
Sul da Coréia	10,4%	19,7%	58,6%	21,7%	100,0%
Manchúria	39,4%	2,5%	84,0%	13,5%	100,0%
Norte da China	13,2%	3,0%	82,2%	14,8%	100,0%
Centro e Sul da China	8,5%	3,1%	80,9%	15,9%	100,0%
Taiwan	8,7%	31,2%	55,6%	13,2%	100,0%
Outras Áreas	6,3%	14,4%	67,1%	18,5%	100,0%
Total Geral	**100,0%**	9,8%	76,0%	14,1%	100,0%

Fonte: United States of America, 1948 (tomado reelaborado em base a Miyazaki, 2005)

No quadro também se pode observar que a maior parte destes investimentos foi realizada pelo setor privado. Isto é, a trajetória dos investimentos externos do setor privado japonês, em especial os investimentos das corporações, esteve ligada e foi promovida pelo avanço territorial e militar do Império.

IV. As finanças asiáticas na era Meiji e a entrada do país ao padrão Ouro-Libra

A expansão dos impérios ocidentais sobre os territórios da Ásia foi acompanhada pelo avanço dos seus bancos e sistemas financeiros na região. Na China, desde a segunda metade do século XIX, cerca de doze países mantinham bancos nas cidades abertas pelos tratados desiguais. Estes bancos contavam com a vantagem da extraterritorialidade e podiam emitir notas bancárias, muitas das quais tinham grande aceitação e popularidade em todo o território chinês. No início, os bancos acompanharam e financiaram as atividades comerciais. Outra atividade muito lucrativa era a intervenção e a arbitragem sobre as taxas de câmbio entre as distintas moedas que circulavam na China e o resto do mundo. Por sua vez, as finanças britânicas eram as dominantes na região asiática e na China. Aproximadamente quinze bancos de origem inglesa chegaram a funcionar simultaneamente na China (Sandrock, 2008, parte I).

Para entender a lógica que governava as finanças da região asiática da época é importante lembrar a história do banco mais importante que operou na Ásia à época, o *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation* (HSBC). Este banco, criado em 1864, funcionava como o braço financeiro da City de Londres em toda a região asiática. No contexto da fraqueza do Império Chinês, o banco facilitou as atividades comerciais e

desempenhou um destacado papel nas relações diplomáticas da Grã Bretanha com a China. Isto é, a atuação do HSBC sempre tinha, além dos interesses econômicos, uma dimensão estratégica das relações internacionais. Embora o banco fosse uma instituição privada orientada originariamente a proporcionar uma fonte de financiamento local para o comércio de europeus no leste asiático, os empréstimos se dirigiram principalmente ao governo da China e foram política e estrategicamente orientados, já que as autoridades chinesas tinham que passar pela diplomacia interestatal antes de ter a possibilidade de captar recursos financeiros de bancos estrangeiros. Assim, o HSBC desempenhou um importante papel no financiamento da dívida externa da China no final do século XIX (Wickman, 2008).

Uma das principais atuações deste banco foi o financiamento e a triangulação nas reparações de guerra. O HSBC financiou a reparação de guerra da China com a França após a derrota do Império Chinês na guerra pelo controle do Vietnã entre os anos 1882 e 1885. Assim, o banco começou a ter um papel crescente no controle da divida chinesa, situação que podia aproveitar devido a seus vínculos com a City de Londres.

O banco também financiou as reparações de guerra da China com o Japão (1894-95). Estas reparações foram, por sua vez, aplicadas pelos japoneses na divida pública britânica o que possibilitou a entrada deste país no padrão ouro em 1897[13]. O valor da indenização foi originalmente estabelecido em 230 milhões de Kupings (moeda chinesa à época) ou £$ 38 milhões. Contudo, o Primeiro-Ministro japonês Matsukata Masayoshi determinou que este valor fosse depositado em Londres e denominado em libras esterlinas. A regra de funcionamento era simples: o Japão obrigou a China a depositar a indenização no mercado londrino, a qual fora financiada pelo próprio mercado de capitais inglês (Metzler, 2006).

Na guerra dos Boxers[14], o HSBC não conseguiu controlar todas as operações de financiamento das indenizações. O motivo é que a vitória sobre a China foi

[13] O período 1870-1914 foi inegavelmente uma era de expansão da moeda e das finanças inglesas consubstanciadas na adoção do padrão ouro-libra em diversos países europeus, em uma primeira onda em 1870, e por países da periferia econômica e geopolítica internacional nos anos 1890, quando o Império Austro-Hungaro (1892), a Índia (1893) e o Japão (1897) adotoram este padrão monetário.

[14] A rebelião dos Boxers (1899-1901) foi liderada por nacionalistas chineses que lutavam contra a influência estrangeira na China. No inicio foi reprimida pela dinastia Qing, mas em pouco tempo os oficiais do exército e a própria imperatriz Cixi apoiaram a revolta. Finalmente, esta foi derrotada por uma aliança formada pela Rússia, Grã Bretanha França, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Áustria-Hungria e Japão.

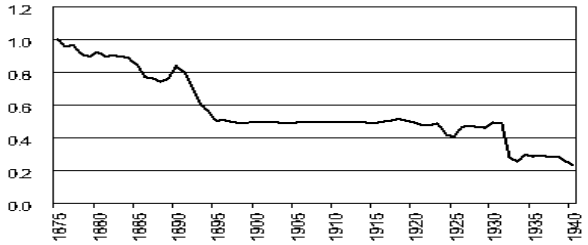
compartilhada com outras potências. Deste modo, o negócio das reparações, que atingiu o montante de 450 milhões de *taels*, ficou dividido entre o HSBC e bancos da Alemanha e da Rússia. Como conseqüência da guerra, a Grã Bretanha, mediante a intermediação do HSBC, ficou com o controle de boa parte das finanças e dos direitos alfandegários da China. O banco chegou a fechar 112 empréstimos com o Império chinês.

Uma grande variedade de notas bancárias emitidas pelo HSBC circulava como dinheiro na China e em todo o continente asiático, especialmente em Honk Kong, Singapura, Siam[15], Japão[16] e Filipinas. O banco imprimia papel moeda em suas sucursais de Pequim, Tientsin, Shanghai, Hankow, Foochow, Chefoo e Amoy. Na pratica o banco fixava a taxa de câmbio da cidade de Shanghai, fato que lhe permitiu controlar as finanças chinesas até os anos 30 do século XX (Sandrock, 2008, parte I).

Os oficiais britânicos estavam bem informados a respeito dos negócios de seus bancos, e em muitos casos passaram a exercer influência significativa sobre os termos das operações financeiras. Assim como os outros bancos que atuavam no Leste da Ásia funcionavam como braços de seus governos, o HSBC tornou-se um braço do governo britânico apesar de permanecer em mãos privadas. Assim, a atuação da Grã Bretanha por intermédio do HSBC na guerra sino-japonesa representou uma grande jogada para trazer tanto a China quanto o Japão para sua área de influência monetária. A China ficou endividada em libras e o Japão adotou o sistema monetário liderado pela Grã Bretanha e virava aplicador no mercado londrino. O gráfico a seguir mostra a valorização do Yen frente à cotação da prata que já vinha sendo observada na década de 1880. A partir de 1897, quando o país adota o padrão ouro, pode-se verificar a convergência das cotações do iene e do dólar.

[15] Atual Tailândia.
[16] Em Honk Kong as notas do HSBC continuaram circulando até o retorno da cidade para o controle da China em 1997 (Sandrock, 2008).

Taxa de Câmbio (US$/Iene)



Fonte: Hunter e Sugiyama 2002

Assim, a adoção pelo Japão do padrão ouro-libra instituído pela primeira vez em 1897[17] se insere no contexto da hegemonia financeira da Inglaterra na Ásia. Na prática, representou o alinhamento japonês com as finanças britânicas. Este padrão monetário refletia não somente o avanço da *Pax Britânica* sobre o Japão, como também uma ação estratégica para a expansão econômica do Império Japonês no espaço asiático[18]. Assim, a adoção da paridade fixa com a libra[19] não somente tinha fins econômicos, mas, sobretudo, almejava objetivos de defesa (Schiltz, 2007). Tal medida representava a possibilidade de maior acesso aos capitais estrangeiros, de modo especial aos dos ingleses, o que foi acelerado após a vitória na guerra com a China em 1895. Esta guerra também beneficiou o Japão de dois modos distintos. Em primeiro lugar, possibilitou ao país ampliar seus empréstimos à Coréia e, até mesmo, à China com base nos recursos depositados em Londres. A presença do sistema bancário japonês na Coréia foi iniciada com o estabelecimento do Banco Shibusawa Eiichi's Dai-Ichi, o qual tomou empréstimos do governo do Japão para iniciar suas atividades na província de Pusan em 1878. Este banco se tornaria o principal banco da Coréia em 1905.

[17] Os historiadores econômicos apontam que o Japão adotou pela primeira vez o lastro oficial de sua moeda ao ouro em 1897, já no período Meiji (1868-1912). Contudo, já na Era Tokugawa Bakufu (1603-1868), o país havia adotado um sistema monetário independente e trinitário, com o qual passou a cunhar suas próprias moedas de bronze, prata e ouro (Ver Metzler, 1999). Este sistema monetário tornou o país independente da importação de bronze da China que funcionou como lastro da moeda japonesa por séculos antes da Era Tokugawa, o que fazia da China o centro monetário do leste e sudeste asiático. Vale citar que, se por um lado, o Japão havia se livrado da dependência do bronze chinês, por outro, ainda dependia de bens manufaturados produzidos naquele país, os quais eram importados com o ouro e a prata produzidos em abundância no Japão da Era Tokugawa. De modo a eliminar a dependência de importação da China e para conter a perda desenfreada de seus metais preciosos, o Japão adota restrições a importação e embargo à exportação de alguns produtos (como o ouro) no início do século XVIII.

[18] Além da questão do alinhamento externo, vale mencionar que havia no Japão à época grupos sociais que se opunham à valorização cambial resultante da adoção deste padrão, caso dos setores exportadores. Porém outros grupos sociais, como os financistas e a marinha, já que esta última importava boa parte de seus equipamentos de guerra da Inglaterra, eram favoráveis e saíram vitoriosos com a entrada do Japão no novo padrão monetário.

[19] A paridade adotada foi de uma libra para dois ienes.

Contudo, mesmo antes do estabelecimento deste banco, os japoneses já mantinham relações financeiras com os coreanos como evidenciado, por exemplo, com o empréstimo que o Japão concedeu ao governo da Coréia para o pagamento de uma indenização ao próprio Japão em 1882, através do Banco Yokohama[20]. Este banco, criado em 1880, foi o único banco japonês que conseguiu fazer circular suas próprias notas bancárias na China a partir de sua sucursal em Shanghai, inaugurada em 1893. Logo após a Guerra Sino-Japonesa, o banco expandiu suas atividades, assumindo o comércio de grãos da Manchúria. Durante a guerra russo-japonesa, o Yokohama estendeu suas atividades para o norte da Ásia, seguindo o avanço do exército japonês. Nas primeiras décadas do século XX, o Yokohama tornou-se um forte concorrente do HSBC no território chinês, tendência que se aprofundaria até a derrota japonesa em 1945 (Sandrock, 2008, parte II).

A presença do capital japonês na Ásia era uma forma de estender a sua influência em importantes áreas do continente, como a Coréia e a China - grande produtora de aço, matéria-prima fundamental para guerras – e, adicionalmente, de ampliar seus interesses econômicos na região poderia servir de pretexto para futuras ocupações militares na zona, conforme ilustrado na citação do Ministro das Finanças do Japão com relação à invasão inglesa do Egito em 1882:

> "What was England's pretext for intervening in Egypt? Was it not in the fact that England had obtained a position of real interest there by supplying Egypt with capital? I firmly believe that if we wish to solidify our position in Korea and establish a pretext for intervention in its internal affairs, we must obtain real interests there, whether through railroads or through loans, and by financial means create pretexts for extending our intervention to other kinds of relationships". (Metzler, 2006, p.41)

Em outras palavras, a Guerra com a China já era parte integrante do projeto expansivo japonês e sua vitória permitiu ao país ampliar seu projeto hegemônico na Ásia. Assim, entre 1897 e 1902, o Japão se preparou para este projeto ao promover mudanças fundamentais, como, por exemplo, a criação do Banco da Indústria Japonesa em 1902, para financiamento de longo prazo das suas empresas através da captação de recursos mediante a venda de títulos públicos no exterior e a criação do Banco de Taiwan, que se tratou do primeiro banco central colonial japonês que entrou em operação em 1899 e

[20] Esta indenização foi estabelecida no Tratado de Chemulpo entre os dois países.

que funcionou como o banco emissor de Taiwan, apoiando os investimentos externos do Japão nesta ilha[21].

Em segundo lugar, a guerra deu acesso para o Japão ao Banco da Inglaterra, o qual fora negado ao banco Yokohama antes da vitória japonesa. Após a guerra, o Japão passou a se financiar em Londres com a emissão de títulos lastreados no montante de Libras que detinha na Inglaterra adquirido com a indenização paga pela China, ou pela venda direta de títulos de guerra. Os recursos obtidos na Inglaterra eram utilizados, sobretudo para fins associados à preparação militar do Japão, como, por exemplo, o financiamento de 1898 para a construção de ferrovias, da siderurgia de Yahata e a extensão do sistema de comunicações do país. Em outros termos, todas as atividades financeiras do Japão na época tinham justificativas sob o ponto de vista militar[22].

V. A Aliança Anglo-japonesa de 1902

A guerra com a China e a assinatura do Tratado de Shimonoseki tinham sido os primeiros passos do Japão como um grande jogador no tabuleiro asiático. Por este tratado, a China foi obrigada a reconhecer a 'independência' da Coréia, ceder a península de Liaodong e uma grande área da costa da Manchúria, bem como as ilhas de Pescadores e Formosa (Taiwan). Por sua vez, a China teve que conceder ao Japão um novo tratado de exploração comercial nos moldes dos concedidos as potências ocidentais, e foi obrigada a pagar uma indenização correspondente a 300 milhões de *taels*. O Tratado de Shimonoseki constituía a consolidação de um novo equilíbrio de poder na Ásia Oriental e obrigou a China a buscar empréstimos externos para pagar a indenização. No entanto, dada a fraqueza chinesa e o início do processo de ocupação territorial da China pelo Japão, na visão das potências européias a região tinha ficado numa situação de desequilíbrio. Por este motivo, seis dias depois da assinatura do tratado, a intervenção dos Três Poderes, representados pela Rússia, Alemanha e França, obrigou o Japão a devolver o controle da península de Liaodong para a China de modo a

[21] A ilha de Taiwan se converteu em colônia japonesa logo após a vitória do Japão sobre a China em 1895.

[22] Após 1898, a Inglaterra cessou seus empréstimos ao Japão, em função dos elevados gastos para a manutenção da Guerra dos Boers na África do Sul (1899-1902), importante fornecedor de ouro do Império Britânico. É interessante notar que nesta época os ingleses recorreram ao J.P. Morgan and Company para se financiarem a guerra, o que representou uma nova fase na relação entre a Inglaterra e os EUA.

restabelecer o *status quo* na China insular. Esta intervenção foi considerada pelos líderes do Japão como uma humilhação que freava as legitimas aspirações expansionistas do país.

A partir destes acontecimentos, a estratégia do Japão foi estabelecer uma aliança para evitar que se repetisse um isolamento internacional que atrapalhasse a expansão territorial do Império japonês. Deste modo, a Aliança de 1902, assinada entre o Japão e a Grã Bretanha, não pode ser compreendida sem referência à disputa pela hegemonia no espaço chinês. Em seguida à derrota com o Japão, a China se converteu em um centro de disputa inter-imperialista na região, uma vez que ficou mais claro que este país não seria capaz de defender suas próprias fronteiras no caso de uma agressão internacional. Neste contexto, a Grã Bretanha e o Japão tinham uma preocupação comum, já que para ambos os países a Rússia era ameaça principal na região.

Na visão dos líderes da Grã Bretanha, o caso da China apresentava o seguinte dilema ou fio da navalha: por um lado, o Império Chinês devia ser suficientemente fraco para aceitar a exploração e influencia inglesa. Mas, por outro, devia ser forte o suficiente para impedir o avanço das outras potências imperialistas que possuíam ambições na China, especialmente a Rússia. Por este motivo, a Grã Bretanha foi uma firme defensora da manutenção da integridade territorial chinesa, pois isto significava a preservação do equilíbrio de poder na região, ou seja, da dominância inglesa. O modelo de colonialismo informal aplicado na China tentava ser similar ao exercido no Império Otomano[23], no qual mantinha uma significativa relação de dependência econômica e política, sem funcionar como uma colônia formal (Cain e Hopkins, 2001). Além disso, o império chinês devia se manter suficientemente forte para conter o processo de rebelião interna, o qual era uma grande ameaça à estabilidade do Império, conforme comentado acima.

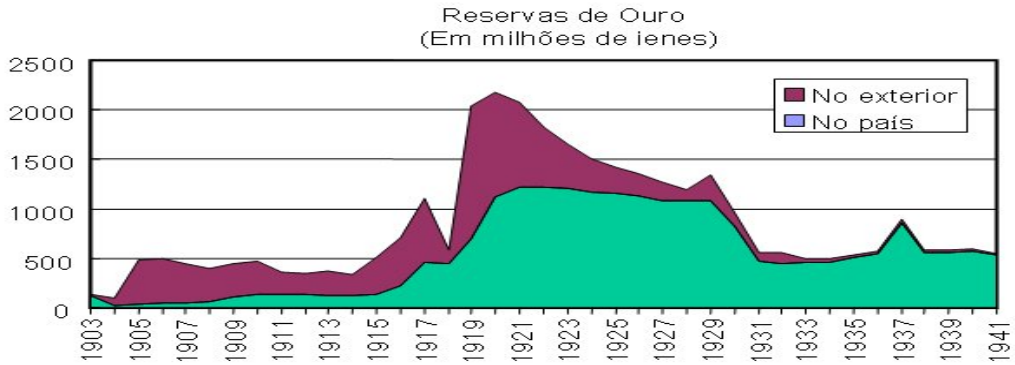
Vale mencionar que, além da China, a Rússia, com o apoio da França, mantinha desde 1897 uma crescente presença na Coréia, quando o governo coreano, para conter o avanço japonês no país, nomeou Kir Alexeiev, membro do governo russo, conselheiro de finanças e que na prática atuou como um Primeiro Ministro. Além disso, a Rússia promoveu a criação de um banco Russo-Coreano encarregado dos negócios russos no país. A expansão russa sobre a Coréia e sobre o norte da China tornava racional a

[23] Ver a seção referida ao 'Grande Jogo'.

concretização da aliança, antes mesmo de ela ter sido formalizada. Um episódio central neste processo foi a Guerra dos Boers na África do Sul (1899-1902). Nessa guerra, a Grã Bretanha teve que mobilizar grandes recursos humanos, materiais e militares, o que enfraqueceu sua posição em outras regiões. Isto ficou muito claro na rebelião dos Boxers na China em 1900 quando Grã Bretanha se viu obrigada a recorrer ao apoio do Japão para compensar a presença de outras potências na repressão da rebelião.

Assim, a aliança implicava em um delicado equilíbrio entre a necessidade de preservar a integridade territorial da China, reduzir o perigo da Grã Bretanha ter que enfrentar uma guerra de proporções globais no leste asiático e evitar o risco da formação de uma coalizão européia frente a uma eventual guerra entre a Rússia e o Japão. Por sua vez, para a Grã Bretanha, o Japão era um aliado ideal porque não tinha ambições extra-regionais para além da Ásia e poderia dividir com ela os custos de manutenção da segurança e equilíbrio regionais. Por outro lado, para o Japão a aliança representava ter ao seu lado uma potência global que apoiaria o país em suas ambições imperialistas na Ásia e ajudaria a desencorajar a formação de uma aliança hostil ao país como aquela sofrida após a vitória sobre a China.

Apesar de já em 1898 ter enviado navios de sua marinha para frear a atuação russa na Coréia, a Inglaterra somente oficializa sua aliança com o Japão em 1902, o que ampliou enormemente as fontes de recursos do país disponíveis no mercado de capitais londrino e favoreceu o processo de industrialização. Em dezembro de 1903, dois meses antes de o Japão disparar um torpedo surpresa sobre um navio russo parado no Porto Arthur, um Ministro japonês já havia solicitado um empréstimo ao governo inglês para combater a Rússia, recursos que foram liberados indiretamente por meio do mercado de capitais londrino. Parte destes recursos foi mantida na Inglaterra, uma exigência dos financiadores. Assim, as reservas de libras do Japão mantidas no exterior, sobretudo na Inglaterra, tiveram um salto logo após a Guerra com a Rússia, conforme ilustra a tabela a seguir que apresenta a evolução das reservas de Libras detidas do país localizadas no Japão e no exterior.



Fonte: Historical Statistics of Japan, Japan Statistical Association

O custo total da guerra com a Rússia foi de quase ¥ 2 bilhões, equivalente a seis vezes o orçamento do Japão em 1903 ou o dobro de sua receita anual, e teve 40% do seu valor total financiado pelos ingleses e o valor remanescente por um consórcio que contou com a presença de norte-americanos e alemães[24]. Todos estes empréstimos estavam denominados em libras[25]. Estes capitais possibilitaram ao Japão ampliar seus gastos e emissões monetárias sem abandonar a paridade com a libra, o que reforçava a natureza estratégica para Londres do empréstimo ao Japão. Apesar de seu elevado custo, a vitória na Guerra Russo-Nipônica garantiu ao Japão, pelo Tratado de Portsmouth, anexar a Coréia definitivamente como seu protetorado[26], consolidando a influência do iene como uma moeda forte e com área de influência neste país, além da China. A ferrovia da Manchúria foi entregue pela Rússia ao Japão como compensação pela guerra. Para ilustrar a influência do iene na Coréia, vale mencionar que já em 1905 o Japão proibiu a cunhagem de moeda por parte do governo coreano. Outro exemplo da expansão japonesa foi a ocupação dos territórios conquistados na Manchúria como reparação pela Guerra. O Banco Yokohama se instalou nestas regiões e passou a emitir títulos e moeda, atuando de modo semelhante ao banco japonês Daí-Ichi na Coréia.

[24] Banqueiros de origem judaica estabelecidos nos EUA voltados a emprestar para mercados 'emergentes' e opostos às perseguições do Império Czarista contra os judeus na Rússia, como Jacob Schiff, também financiaram o Japão. Os Morgan não manifestaram interesse em financiar o país asiático e estavam à época alinhados com os russos (ver Metzler, 2006, p.71).
[25] Ver Devries, 2005.
[26] A Coréia viraria uma colônia formal do Japão em 1910 (Gordon, 2003).

Conclusão

O desenvolvimento econômico japonês teve a sua origem nas agressivas políticas desenvolvimentistas impulsionadas pela Restauração Meiji. Entre estas políticas se destacam: as obras de infraestrutura; o envio de missões aos países mais desenvolvidos do ocidente para conhecer tanto as instituições mais adequadas á modernização quanto para adquirir o conhecimento técnico necessário para desenvolver as modernas tecnologias ocidentais; a promoção da educação pública; o impulso da industrialização; e a promoção das exportações mediante uma agressiva política internacional.

Contudo, a rapidez na execução destas reformas só pode ser compreendida levando em consideração dois fatos fundamentais: a) a urgência imposta pelo expansionismo ocidental sobre os países asiáticos, que só lhes deixava as alternativas de se modernizarem ou virarem colônias formais ou informais das potências dominantes; b) a forte concentração de poder que experimentou o Japão logo apos que os exércitos imperiais derrotaram as revoltas organizadas pelos samurais que resistiam as transformações.

Mas, no caso do Japão, como tem sido a regra no ocidente, a defesa de sua integridade nacional não é claramente distinta do expansionismo manifesto. Desde o início do "milagre japonês", este país apresentou uma tendência simultaneamente defensiva e expansiva. Logo após a vitória na Guerra Sino-Japonesa, o Japão criou uma poderosa máquina de expansão econômica e militar. Por sua vez, este processo expansivo foi favorecido pelo aproveitamento financeiro e militar das oportunidades geopolíticas que se apresentaram na época, em especial a concorrência entre a Grã Bretanha e a Rússia pela hegemonia na Ásia. Desta competição surgiu a Aliança Anglo-Japonesa que favoreceu o processo de industrialização japonês, permitiu ao Japão derrotar a Rússia no terreno militar e assim expandir sua presença financeira e industrial no leste asiático.

O caso da China é exatamente o oposto ao japonês, já que perdeu todas as guerras que manteve com as potências ocidentais e o próprio Japão no século XIX e teve que enfrentar permanentes rebeliões que envolveram milhões de camponeses durante quase dois séculos. Estes acontecimentos impediram, ao menos até a unificação de 1927, a consolidação de um Estado nacional forte capaz de promover reformas modernizadoras. Ao contrário do acontecido com o Japão, ao longo de todo o século XIX, a China foi

perdendo o controle de seu antigo território, de suas finanças, e, fundamentalmente, não conseguiu modernizar suas forças armadas para se defender da agressão imperialista.

Assim, para compreender os processos de desenvolvimento econômico, ao menos na Ásia, não basta identificar as políticas econômicas mais relevantes de determinado período. Primeiro, deve-se abandonar o nacionalismo metodológico dominante nas análises sobre o complexo problema do desenvolvimento. Segundo, deve-se ter em mente que o processo de concentração de poder é absolutamente essencial para que uma elite estatal possa promover reformas bem sucedidas. Sem poder as boas idéias simplesmente viram sonhos.

BIBLIOGRAFIA

Arrighi, G., Takeshi Hamashita e Mark Selden, The Resurgence of East Asia, 500, 150 and 50 year perspective. Routledge, 2003.

Akamatsu K., A historical pattern of economic growth in developing countries. Journal of Developing Economies, 1962.

Baumann, R. (2004) Caucasian Wars, em Encyclopedia of Russian History, editor James R. Millar.

Barrington Moore, Los orígenes sociales de la dictadura y de la democracia, Ediciones Península, 2002 [1973].

Bytheway, S. J. The Japanese economy and foreign capital, 1858-1939, Tokyo, 2005.

Cain, P.J. e Hopkins, A.G., British Imperialism: 1688-2000, London, Longman, 2001.

De Cecco, Marcello, Money and Empire, the international gold standard, 1890-1914. B. Blackwell 1974.

Devries, Kelly editor: The Russo-Japanese war in Global Perspective, History of Warfare, 2005.

Fairbank e Goldman, 2007, China, uma Nova Historia.

Fremont-Barnes, G. The Anglo-Afghan Wars 1839-1919, Osprey 2009

Gordon, Andrew, A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present. Oxford University Press, 2003.

Historical Statistics of Japan, vol.3, Japan Statistical Association.

Hunter e Sugiyama, The History of Anglo-Japanese Relations, 1600–2000, Palgrave, 2002.

Jansen, M. B. The Making of Modern Japan. Belknap Press, 2002.

Koliopoulos, J. e Veremis, T. Modern Greece, 2010.

Maddison, Angus, The World Economy, OECD, 2006.

Metzler, Mar, Lever the Empire, The international Gold Standard and the crisis of Liberalism in prewar Japan. University of California Press, 2006.

Menning, B. Russo-Turkhish Wars, em Encyclopedia of Russian History, editor James R. Millar.

Millar, James R. Encyclopedia of Russian History.

Miyazaki, Silvio, O caráter do investimento externo japonês: a influência da modernização e das relações internacionais no período pré Segunda Guerra Mundial. X Encontro Nacional de Economia Política, SEP, 2005.
http://www.sep.org.br/artigo/xcongresso30.pdf

Moffitt, Nick, Wheeled Transport and the Urbanization of Meiji Japan, Working Paper, 2004.

Mojtahed-Zadeh, Pirouz, Small players of the Great Game, The settlement of Iran's eastern borderlands and the creation of Afghanistan, 2004.

Nish, Ian, The Iwakura Mission in America and Europe, a new assessment. Japan Library, 1998.

Rosovsky, H. Capital formation in Japan, 1868-1940, Glencoe 1961.

Spence, J. D. Em busca da China Moderna, São Paulo, Cia de Letras, 1995.

Sandrock, John E. The Foreign Banks in China, Part I – Early Imperial Issues (1850-1900), 2008. http://www.thecurrencycollector.com/pdfs/Foreign_Banks_in_China_Part-I.pdf

Sandrock, John E. The Foreign Banks in China, Part II – Early Imperial Issues (1900-1911), 2008. http://www.thecurrencycollector.com/pdfs/Foreign_Banks_in_China_Part-II.pdf

Schiltz, Michael, Money on the Road to Empire, Japan's Choice for Gold Monometallism. MPRA Paper No. 6719, post. 13. 2008. http://mpra.ub.uni-muenchen.de/6719/

Spence, Jonathan, The search for modern China, W-W-Norton & Company, 1990.

Sugihara, Kaoru, The East Asian path of economic development: a long-term perspective. Em Arrigui et al 2003.

_____, Japan, China, and the Growth of the Asian International Economy, 1850–1949. Oxford University Press, 2005

United States of America. Supreme Commander for the Allied Powers (SCAP). Civil Property Custodian. Property Liquidation Division. External Assets Branch. Japanese External Assets as of August 1945. Volume I. RG 331. Box 3650. Washington, D.C.: National Archives and Records Administration, 1948.

Ushida, Hoshimi, Short History of the Japanese Technology, The History of Technology Library. Mitaka, Tokio, 1995.

Valente Senise, Maria H. Tratado de Nanquim (1842), em Historia da Paz, Demetrio Magnoli organizador, Editora Contexto, 2008.

Wenxian Zhang, Arrow War (1856-1860) em Encyclopedia of the Age of Imperialism 1800-1914, Carl Cavanagh Hodge, Greenwood Press, 2008.

Wickman, Peter, China and the Origins of the Anglo-Japanese Alliance. Thesis, Ohio University, 2008.

Yamamura, Kozo, Success Illgotten? The Role of Meiji Militarism in Japan's Technological Progress, The Journal of Economic History, Vol. 37, No. 1.